

LIVRO

# Os dilemas do carnívoro

Romancista americano defende vegetarianismo. Por **Márcio Ferrari**, de São Paulo

**"Comer Animais"**

Jonathan Safran Foer  
Trad.: Adriana Lisboa  
Rocco, 322 págs., R\$ 41,50 **BB+**



Jonathan Safran Foer diz que decidiu escrever um livro sobre "comer animais" quando soube que sua mulher estava grávida do

primeiro filho do casal. Até então ele havia sido um vegetariano ocasional, atento e simpático às denúncias de maus-tratos da indústria de carne, ovos e laticínios. O projeto exigiria três anos de pesquisa e preparação, além da decisão de aderir de vez ao vegetarianismo. É o primeiro livro de não ficção de um escritor que se tornou rico e famoso antes dos 30 anos com os romances "Tudo se Ilumina" e "Extremamente Alto & Incrivelmente perto".

O alvo central de "Comer Animais" é a pecuária intensiva, que Safran Foer define como aquela que envolve animais geneticamente preparados, criados em regime de mobilidade restringida e alimentados com "uma dieta não natural". Segundo o autor, 99% de todos os animais terrestres comidos ou usados para produzir leite e ovos nos Estados Unidos são criados dessa forma. Em granjas industriais, galinhas "comprimidas, deformadas, drogadas e com estresse demais num lugar fechado, imundo e forrado de excrementos" sofrem de "deformidades, danos aos olhos, cegueira, sangramento interno, infecção bacteriana dos ossos, vértebras deslocadas, patas e pescoços tortos, doenças respiratórias e sistema imunológico enfraquecido".

No caso dos peixes, os métodos de pesca intensiva mais utilizados provocam sofrimento e danos ecológicos maciços: várias espécies marítimas correm risco de extinção, muitas delas apenas porque são



ULF ANDERSEN/GETTY IMAGES

Foer: neste primeiro livro de não ficção, argumentação rica em comparações discutíveis

pescadas "acidentalmente". E mesmo os bovinos, considerados em geral os animais submetidos a menos sofrimento pela indústria alimentícia, muitas vezes acabam sendo sangrados, despelados e desmembrados ainda conscientes. Tudo isso com o benefício de leis sempre prontas a mudar ao sabor das pressões.

Nenhuma das informações é inédita, mas a maior parte das pessoas prefere ignorar o assunto. Outras se apegam aos métodos tradicionais de criação, praticados por pequenos produtores. Safran Foer foi atrás de todo tipo de profissional que trabalha na pecuária, entrevistando até uma vegetariana que cria animais para ser mortos e um vegano que projeta abatedouros. E concluiu que mesmo a pecuária "humana" inclui práticas cruéis, além de ser uma aposta econômica que se tornou inviável. A melhor opção seria, então, o vegetarianismo como forma de boicote à indústria da carne.

Não se trata apenas de defender os direitos dos animais, mas também de combater o aquecimento global. O escritor cita dados da ONU segundo os quais "o setor pecuarista é responsável por 18% das emissões de gás de estufa, cerca de 40% a mais do

que o setor de transportes".

Safran Foer pôs diante de si um problema ético e histórico, o dever de uma argumentação militante, trabalho jornalístico e observações pessoais, provavelmente acreditando que esse último item faria toda a diferença. Mas o que o livro tem de pior são seus voos criativos e literários, que atingem alturas como esta: "Agora que minha pesquisa acabou, só em raras circunstâncias vou olhar nos olhos de um animal criado numa fazenda ou granja. Mas muitas vezes por via, durante muitos dias da minha vida, vou olhar os olhos dos meu filho."

"Comer Animais" parece dever muito a "O Dilema do Onívoro" (2006), do jornalista americano Michael Pollan, e "Libertação Animal" (1975), do filósofo australiano Peter Singer, que não é sequer citado. O filósofo a que Safran Foer recorre é o francês Jacques Derrida, por meio de duas citações desajeitadas. Sua argumentação é rica em comparações discutíveis, que o levam a encerrar o livro com a evocação da luta pelos direitos civis nos EUA, chamando para a causa vegetariana ensinamentos de Martin Luther King e Abraham Lincoln.

**"O Corpo da Liberdade - Reflexões sobre a Pintura do Século XIX"**

Jorge Coli  
Cosac Naify, 392 págs., R\$ 72,00 **AAA**



Catorze aulas excelentes sobre arte compõem este "O Corpo da Liberdade", de Jorge Coli, um dos grandes especialistas brasileiros nessa área. Coli nos conduz pelo

universo de artistas como Goya, Manet, Coubert e Almeida Jr., mostrando relações surpreendentes entre arte, cultura e sociedade. Como diz o título e como ele afirma no "Prólogo", seu foco é a liberdade. "Todos os estudos aqui presentes trazem, como pressuposto ou como centro, aspectos da liberdade nas artes durante o século XIX — pública, política, coletiva, individual ou artística. Esta liberdade, una e múltipla, reveste-se de um vivido sensível, no qual o corpo, bem físico, é o protagonista". Ilustram os ensaios 32 imagens (mais 337 postas na internet — <http://picasaweb.google.com/corpodaliberdade>).

**"Kappa e o Levante Imaginário"**

Ryunosuke Akutagawa. Trad. Shintaro Hayashi. Estação Liberdade  
352 págs., R\$ 47,00 **BBB**



"Rashomon" (1915) e "No Matagal" (1922) inspiraram Akira Kurosawa a filmar "Rashomon" (1950). Ele foi um dos muitos artistas influenciados

por Ryunosuke Akutagawa (1892-1927), tido como um dos mestres da narrativa breve. Com tradução do japonês por Shintaro Hayashi, também autor de uma esclarecedora introdução, esses contos figuram neste volume, que traz 11 textos de Akutagawa, entre eles o polêmico "Kappa" — história do interno de um sanatório que relata suas aventuras no mundo dos "kappas", personagens do folclore nipônico —, por meio do qual faz uma crítica à sociedade. Impressiona também a leitura de "Rodas Dentadas", publicado depois do suicídio do escritor, no qual se vislumbram traços do seu medo de enlouquecer. (LMF)